

SOAP: resenha crítica Por Tiago Mesquita

SOAP (2020-2023), de Tamar Guimarães, parte de derrotas sucessivas. No Brasil, houve a vitória de um candidato negacionista e saudoso da ditadura militar em um momento internacional de aprofundamento das desigualdades sociais diante da pandemia de Covid-19. Desorientados, os personagens de Guimarães tentam entender o que aconteceu. É preciso saber o que mudou no corpo social; como refazer as conexões entre diferentes grupos e reconstruir novas formas de comunicação. Acima de tudo, indaga-se como infiltrar as redes sociais daqueles que apoiaram o outro lado.

Esses debates não acontecem a céu aberto. Têm lugar durante um período de isolamento e descontrolo. As filmagens tiveram início em 2020, no início da quarentena. Mais do que um ensaio a partir das diferentes posições políticas e sociais, em diferentes idiomas e experiências nacionais, o filme é também a narrativa de um trauma, onde não só o vínculo com as lutas sociais precisou ser reconstruído, mas também as convivências e afetos entre indivíduos.

Nos primeiros episódios, a vida cotidiana, filmada com atenção e sobriedade por Tamar, reparte-se nas vistas parciais de janelas de apartamento, e as visões do outro são limitadas ao que está dentro do quadro de um quarto ao longe. Essa compartimentação do campo social amplifica paradoxalmente os discursos. Por exemplo, no episódio 05, o historiador australiano Dirk Moses vê sua crítica consistente ao nazismo como um fenômeno característico da expansão da violência colonialista ser distorcido por negacionistas alemães do holocausto em outro contexto.

No ensejo de remediar a desagregação coletiva, algumas personagens decidem criar peças de vídeo, elaboradas em comitê, que adentrariam as esferas de conteúdo consumido pela extrema direita e as contaminariam, apostando na divulgação “viral”, que aqui ecoa a disseminação do próprio coronavírus. Pensam em uma dramaturgia, em uma novela, meio ideal para minar o discurso reacionário. A peça simularia vídeos de conversão cristã, como é dito pela personagem Roseane: “uma zona espiritual que guia jovens de um lugar de escuridão para a luz”.

Torna-se necessário, no entanto, entender os limites da compreensão que cada personagem tem da situação, conforme os debates em torno da telenovela se acirram. “A gente tem que descobrir o que se encena”, diz a personagem de Camila Motta no sexto episódio. Decreta-se “a morte da esquerda branca”, no segundo episódio, para uma personagem proferir, em seguida: “eu também sou esquerda branca”. O senso de identidade pessoal das pessoas e o pertencimento a um esforço comum formam uma tensão constante, e muito do drama da obra tem lugar nesse embate entre a esfera pública e a dimensão das convicções pessoais.

Na medida em que o debate em torno da novela avança, vemos os intelectuais, artistas e militantes replicarem debates autofágicos típicos da política depois das redes sociais. Esses desencontros, inclusive os problemas tecnológicos, são encenados, tal como as formas de convívio que são reconstruídas e resignificadas ao longo dos episódios. Tamar Guimarães transforma o esforço de produção, o convívio e as controvérsias em torno dele no assunto de outro programa: SOAP.

Além de justapor diferentes perspectivas, o projeto também combina estruturas de composição de imagem distintas. A estrutura de argumentação do filme-ensaio, o rigor compositivo da cena e dos planos do cinema moderno, junto com a dramaturgia das telenovelas brasileiras. Tais modos de fazer imagens nem sempre se relacionam de maneira harmônica. As cenas são cheias de desigualdades, de desencontros, de formas que convivem de maneira tensa. O símbolo mais irônico desses desajustes é a personagem de Camila Motta se esforçar para entender o Brasil, no país, lendo Casa Grande & Senzala, de Gilberto Freyre, em alemão.

Nos últimos episódios, tal como na *Sinopse*, percebemos que a novela restava por terminar, enquanto as personagens vão reconstruir a vida e as relações interpessoais. Reforçando as contradições, há aqueles que precisam refazer a vida profissional a despeito das convicções, outros que encontram outras finalidades em suas ações, pessoas que se aproximam, afetos acontecem. O trauma, a despeito das maneiras singelas de companheirismo, teimosia, amizade e amor que surgem nos últimos episódios, não cicatriza. Ele segue aberto, em carne viva.